



## OBJETOS DE MEMÓRIA E GUARDADOS AFETIVOS: ENCONTROS COM SENTIRES E SABERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

### MEMORY OBJECTS AND AFFECTIOONS STORED: ENCOUNTERS WITH FEELINGS AND KNOWLEDGE IN VISUAL ARTS EDUCATION

Leda Maria de Barros Guimarães<sup>1</sup>

UFG

Beatriz de Jesus Sousa<sup>2</sup>

UFG/COLUN/UFMA

**Resumo:** O presente artigo nasce de experiências compartilhadas a partir de memórias, afetos, processos educativos e artesanias, como um pano tecido a partir de fios invisíveis que ligam vidas de mulheres, artesãs, educadoras e artistas, preocupadas com novas formas de subjetivação comprometidas com o conhecimento crítico e sensível necessário para a superação de modelos coloniais. A metodologia recorre à escrita colaborativa baseada em investigações anteriores e trabalhos educativos voltados para o diálogo com artefatos de memórias, objetivando compreender o lugar desses objetos em nossas trajetórias formativas e a sua força didático-pedagógica a partir de algumas experiências de pesquisa e educação. Esse exercício reflexivo ressaltou a potência dos objetos de memória e guardados afetivos pelos seus significados e valores agregados, que favorecem aprendizagens e reposicionam imagens no contexto do ensino de artes visuais e da cultura visual.

**Palavras-chave:** pesquisa; cultura visual; ensino de artes visuais; objetos de memória; guardados afetivos.

**Abstract:** This article emerges from shared experiences rooted in memory, affect, educational practices, and artisanal knowledge—conceptualized as a fabric woven from invisible threads connecting the lives of women, artisans, educators, and artists. These subjects are engaged in the pursuit of alternative modes of subjectivation, oriented toward critical and affective forms of knowledge that challenge and seek to transcend colonial paradigms. The methodological approach is grounded in collaborative writing, drawing on previous research and pedagogical projects that engage with memory artifacts. The objective is to examine the role these objects occupy in our formative trajectories and their didactic-pedagogical potential, as revealed through selected research and educational experiences. This reflective inquiry underscores the epistemological and pedagogical power of memory objects and affect-laden keepsakes,

<sup>1</sup> Pós-doutora na Universidade Complutense de Madrid. Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Licenciada em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado. Docente da Universidade Federal de Goiás. E-mail: leda\_guimaraes@ufg.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1491866271915819>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0682-8701>.

<sup>2</sup> Doutoranda da Universidade Federal de Goiás. Mestra em Cultura e Sociedade, licenciada em Educação Artística e especialista em História do Maranhão pela Universidade Federal do Maranhão. Docente do Colégio Universitário da UFMA. Pesquisadora bolsista (EDITAL FAPEMA Nº 03/2023 e CHAMADA ATLÂNTICAS MCTI / CNPQ / MIR / MMULHERES / MPI Nº 36/2023). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7411297603932550>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9497-9330>.



highlighting their capacity to generate meaningful learning processes and reconfigure visual representations within the fields of visual arts education and visual culture.

**Keywords:** research; visual culture; visual arts education; objects of memory; sentimental keepsakes.

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita deste texto nasce de experiências compartilhadas a partir de memórias, afetos, processos educativos e artesanias, como um pano tecido a partir de fios invisíveis que ligam vidas de mulheres, artesãs, educadoras e artistas, preocupadas com outros modos de sentir, pensar, ensinar, aprender, construir, desfazer e propor práticas de pesquisa e de educação, que promovam novas formas de subjetivação comprometidas com o conhecimento crítico e sensível necessário para a superação de modelos coloniais.

Para tanto, recorreremos à uma escrita colaborativa baseada em investigações e trabalhos educativos voltados para o diálogo com artefatos de memórias, percebendo-os como imagens que promovem rememorações, abrigam sentimentos, impulsionam a imaginação e tornam presente o ausente. Nesse sentido, objetivamos compreender o lugar desses objetos em nossas trajetórias formativas e a sua força didático-pedagógica a partir de algumas experiências de pesquisa e educação (Sousa, Guimarães e Silva, 2023).

Acreditamos ser um importante exercício de pensar sobre os significados desse enfoque, o qual pode germinar em trabalhos futuros que melhor traduzam nossas inquietações, desejos e prospecções em torno desse tema que vem nos atraindo e se desdobrando. Desse modo, organizamos o artigo a partir de dois aspectos principais, que representam o olhar individualizado das autoras, pois resultam das suas vivências no tocante ao tema, e justificam a escrita em primeira pessoa do singular em alguns trechos do texto. Inicialmente ressaltamos a potência dos objetos de memória, também denominados guardafetos, pela sua força enquanto artefatos afetivos que são guardados pelos seus significados e valores agregados. Posteriormente, refletimos sobre a recorrência dos objetos de memórias em circunstâncias acadêmicas



relacionadas a práticas educativas no contexto do ensino de artes visuais e da cultura visual.

## **2 MEMÓRIAS E AFETOS EM OBJETOS**

O ensino de artes visuais na contemporaneidade abarca inúmeras formas visuais artísticas e não artísticas, contudo, a despeito de todos os avanços nas abordagens e estratégias educativas, é comum vermos a prevalência da história da arte oficial como conteúdo de currículos e processos formativos nesse campo. Nesse sentido, em um movimento contrário, sob a perspectiva de reequilibrar a balança epistemológica em favor de currículos mais plurais e contracoloniais, temos voltado a nossa atenção para pesquisas e práticas educativas que valorizem artefatos do cotidiano investidos de vitalidade e afeto.

Em parte, o exercício de se tornar pessoa ocorre nas relações estabelecidas com formas humanas e mais que humanas, materialidades e lugares significados pelas suas transparências e opacidades, pelos seus usos e experiências agregadas, pela sua capacidade de nos emocionar e levar a outros tempos e espaços. Os objetos corriqueiramente participam das nossas trajetórias, ampliam o nosso corpo e se tornam parte de nós, das nossas histórias e memórias (Sousa, 2025).

Para Bosi (1994), a nossa casa é habitada por objetos biográficos, reconhecidos como coisas valiosas, cujo preço não pode ser calculado. A paisagem e a casa falam e despertam lembranças. Para a referida autora, os objetos de memória permanecem com as pessoas que os utilizam, tornando-se companhia e participando do seu envelhecimento. Desse modo, acreditamos que lançar um olhar sensível para esses artefatos implica um reposicionamento do currículo a partir da valorização de visualidades populares, de subjetividades e de histórias não contadas.

### **2.1 GUARDADOS AFETIVOS COMO POTÊNCIA**

A emergência do enfoque sobre objetos de memórias é percebida como parte do nosso processo de formação enquanto educadoras, artistas e pesquisadoras que



se envolvem e se permitem ser tocadas pelas imagens, pessoas e lugares onde atuam em um movimento cujo devir é marcado pela esperança de uma realidade social mais justa e sensível.

No engajamento político e comprometimento estético por um ensino de artes visuais que rompa com a naturalização de estereótipos, preconceitos e hierarquias, instauramos a busca pelo invisível, não contado, não sentido e não falado. Queremos retirar os véus, destruir molduras, dar a ver os sentimentos, ouvir o silenciado e criar histórias a partir de memórias invisibilizadas.

Assim, dedicamos atenção a objetos de memórias e de afetos, buscando investigar sua potência didático-pedagógica no contexto educativo. Sob esse desafio, desenvolvemos a noção de guardados afetivos, também denominados guardafetos, para abranger o valor sentimental e a conexão emocional com objetos, em um perspectiva contracolonial. Os guardafetos emergem de uma abordagem centrada no íntimo e subjetivo para mobilizar memórias e emoções, especialmente através de saberes populares e do cotidiano, no contexto da pesquisa de doutorado “Sobre uma poética do tempo: os guardados de mulheres como ativadores de memória”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás<sup>3</sup>.

Para tanto, compreendemos que as imagens nos fazem pensar e podem ser percebidas como coisas vivas, pois contam histórias e convidam à leitura. Elas nos constituem e são limitadas pelas nossas percepções e interpretações. Imagens se relacionam com vários tempos e abrem espaço para reconfiguração do passado e prospecção de futuros (Didi-Huberman, 2015).

---

<sup>3</sup> A referida investigação contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (EDITAL FAPEMA Nº 03/2023) no contexto brasileiro e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CHAMADA PÚBLICA ATLÂNTICAS MCTI / CNPQ / MIR / MMULHERES / MPI Nº 36/2023) no exterior. Através da Chamada Atlânticas, de outubro de 2024 a janeiro de 2025, cursei o doutorado sanduíche na Universidade do Porto – Portugal, com pesquisa de campo em Cabo Verde. A pesquisa objetiva compreender a potência de guardados afetivos de duas mulheres brasileiras da Baixada Maranhense e três mulheres cabo-verdianas integrantes de ações do Projeto Neve Insular na ilha de São Vicente. As interlocuções se desenvolveram no espaço do lar, a partir de guardafetos das interlocutoras e de criações poéticas elaboradas no contexto da pesquisa, de modo a perceber a capacidade desses objetos enquanto potenciadores de rememorações e emoções.



Na experiência do olhar, os guardafetos podem capturar o presente, provocar lembranças e projetar desejos, em uma montagem de tempos percorridos nas suas camadas de significados, serpenteando e retornando, em uma espiral de saberes e seres em relação. Ao olharmos para os nossos próprios afetos guardados, percebemos que somos seres de experiência habitados por muitas existências. No movimento de mirar e tocar, também nos reconhecemos e encontramos corpos que se refazem e tomam consciência de si na relação íntima com diferentes materialidades, no pensamento do artífice que pensa com as mãos.

Guardafetos cruzam temporalidades porque nos tocam profundamente. Eles nos emocionam, provocam deslocamentos e saltam aos olhos quanto embaralham nossos pensamentos. Guardados afetivos abrem as janelas do tempo e convidam a uma viagem em que é possível tocar o vivido, recolorir as imagens com pinceladas de afetos, voltar ao instante atual e imaginar outros cenários possíveis.

Essas e outras considerações foram concebidas a partir de guardados de mulheres que se permitiram olhar para dentro e para fora das suas memórias, expondo-se e aceitando ser vistas por meio dos seus afetos. Também nós, enquanto investigadoras, fomos transformadas nesse processo e nos permitimos olhar para objetos de memórias que nos constituem e integram nossos lares. A imagem seguinte é representativa desse propósito e foi elaborada a partir da fotografia de guardados afetivos de uma das autoras:

**Figura 1** – Prancha visual com guardafetos da autora 1



**Fonte:** A autora





Ao dialogar com essa imagem, percebo elementos constitutivos da história de vida das minhas matriarcas. Essa composição reúne formas visuais criadas em contextos de mulheres que trabalhavam e proviam seus lares por meio da costura, da tecelagem, do bordado e da cerâmica, além do trabalho doméstico não remunerado, ocupando um lugar de extrema importância para as relações familiares, para a produção econômica e para o cenário cultural da sua região, na Baixada Maranhense.

O pano com fuxicos, a panelinha de barro e o fuso de madeira atravessam temporalidades e espaços sociais, ocupando um lugar de potência que nos permite expandir seus significados e buscar uma compreensão mais ampla da realidade social de mulheres esquecidas do ponto de vista de uma história oficial, e nos aproxima do exercício teórico proposto Federici (2023) quando sustenta que o trabalho doméstico não remunerado das mulheres ocupa um dos pilares da produção capitalista.

Essa prancha visual foi concebida como recurso metodológico para ser usado na pesquisa de campo em São Vicente, Cabo Verde, com mulheres que participaram de ações formativas do Projeto Neve Insular em torno da memória do algodão<sup>4</sup>. A partir dessa imagem e de outras criações poéticas, as interlocutoras rememoraram experiências e expuseram seus guardafetos por meio de narrativas relacionadas ao trabalho, à infância, ao casamento, à maternidade, à morte e às transformações ocorridas a partir do envolvimento com os saberes e fazeres do algodão.

As imagens dos guardafetos que apresentei proporcionaram a emergência de camadas de recordação ligadas por fios invisíveis da memória cultural de mulheres trabalhadoras, artífices, provedoras e invisibilizadas por uma pedagogia que reproduz estereótipos e hierarquias de gênero (Barbosa, 2019). Desse modo, a referida investigação propiciou a compreensão dos guardafetos como abertura e impulso para processos de rememoração e educação. Vitalizados pelas relações cotidianas, esses guardados podem ser reconhecidos como seres encantados, centros de condensação e intimidade, artefatos repletos da imaginação criadora e moradias de existências e resistências.

---

<sup>4</sup> Neve Insular é um coletivo artístico que inicialmente foi pensado e documentado como um projeto, a partir do cultivo de algodão em São Vicente, saindo do plano da criação autoral, do objeto de design, e buscando um entendimento sobre o passado e as heranças esquecidas a partir das dimensões agrícola, educativa e artística (Rainho, 2021).



## 2.2 OBJETOS DE MEMÓRIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS

A atenção ao que nos circunda, ao que compõe as diversas ambiências da vida cotidiana e à maneira como nos relacionamos afetivamente com os objetos tem sido uma estratégia ao longo de uma docência trabalhando com “gatilhos mnemônicos” e exercícios escavatórios que revelam processos de formação estética, artística e cultural os quais escapam dos conteúdos oficiais postos no ensino e aprendizagem das artes visuais. Para Walter Benjamin, a memória é um processo ativo e involuntário, que se apropria do passado de forma fragmentada e “a contrapelo”, permitindo uma experiência transformadora e não uma simples linearidade cronológica. Ela desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, na interpretação crítica da história e na reparação dos “vencidos”, buscando resgatar as vozes silenciadas e os significados escondidos na cultura e na barbárie do presente. A memória, para ele, não se opõe à história, mas sim à versão oficial e linear do progresso. A memória escala a história a contrapelo, escavando a barbárie oculta nos monumentos da cultura (Benjamin, 2020).

Foi com esse *benjaminiano* que comecei há muito tempo a propor exercícios (em sala de aula e workshops) para estudantes de Design, Bacharelado e Licenciatura em artes visuais e mais recentemente, para participantes de uma oficina realizada no IX Congresso Internacional SESC de Arte/Educação em Recife – Pernambuco. A natureza dos processos e dos resultados foi se modificando ao longo do tempo de acordo com variáveis de público, espaço, tempo, interesses e possibilidades de recursos, mas, o coração da proposta permaneceu, a escolha de um (ou mais) artefato, chamado de “objeto de memória” em torno do qual é desenvolvido um processo de perguntas tais como: o que é esse objeto, por que foi escolhido, que conexões afetivas com o mesmo, usos, função original e possíveis migrações de função, pessoas conectadas a esse objeto, narrativas encapsuladas no mesmo e tantas outras perguntas que vão surgindo à medida em que os dados vão sendo compartilhados produzindo e ampliando sentidos quando emergem no exercício proposto. O objeto pode fazer parte, mas não necessariamente, do ato intencional de



coleccionar, pode ainda estar em uso ter sido guardado como recordação, ou por prazer estético, pode estar presente materialmente ou fazer parte das recordações, como é o caso de um dos meus objetos, um ferro de passar roupa antigo, de brasa, utilizado por Dona Dalva ... como apresento mais adiante...

Puxando os fios da memória para essa escrita verifico que o primeiro exercício foi proposto em torno de 2000 e 2001 trabalhando com uma turma mista de estudantes de cursos de Design (Gráfico e de Interiores), de Bacharelado e de Licenciatura na Faculdade de Artes Visuais em uma disciplina de Arte e Cultura Popular. Recordo-me de alguns objetos. Anos mais tarde este exercício foi realizado com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais, quando o exercício resultava em pensar aqueles objetos como deflagradores de aprendizagens artísticas culturais que buscavam diálogos com o fazer arte na contemporaneidade. Da sala de aula, em outros tempos, foi a vez de estudantes da Licenciatura, na realização do Estágio Curricular Obrigatório sob a minha supervisão, lançarem essa proposta para estudantes do ensino fundamental, em um exercício da construção de um museu organizado em uma caixa de sapato, resultando em uma exposição dessas caixas. No exercício, estudantes de uma turma de 8ª série (hoje 9º ano do ensino fundamental) trouxeram objetos de memória inusitados tais como dentes de primeira troca que a mãe guardou, chiclete mascado por um crush depois do primeiro beijo, boné de um pai ausente e uma chave da casa de uma avó falecida, cuja casa também já não existia mais. Na época, buscamos a parceria do Museu Antropológico da UFG para uma orientação sobre tratamento do objeto, como por exemplo a produção de uma ficha com as informações, descrição, materialidade, etc.

### 2.3 PUXANDO FIOS DE UM NOVELO...

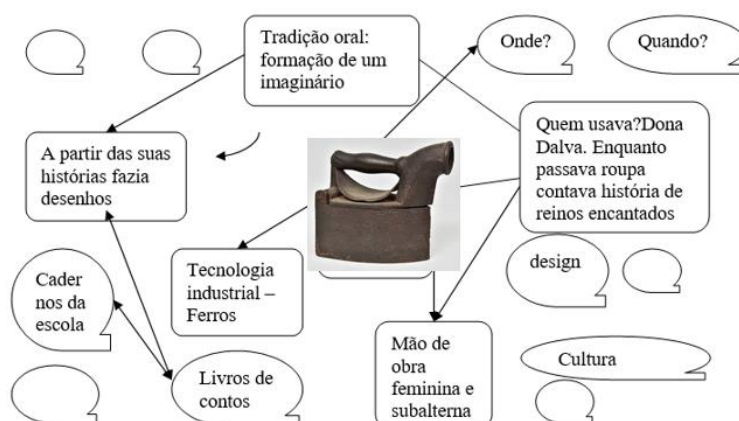
Para ilustrar a dinâmica do exercício apresentamos exemplos da outra autora deste texto, exercício este que serve como disparador para as propostas didáticas. Na Figura 2 vemos um esquema inicial traçado em torno de um ferro de passar roupa, em que a partir de perguntas escavatórias iniciamos um processo de mapear dados que dão significado à existência daquele objeto em nossas vidas, como: lugares de





origem, usos, finalidades, processos de fabricação/aquisição, trocas e afetos, tecendo processualmente redes de significados culturais, artísticos e estéticos. Com isso, vamos construindo mapas relacionais e produzindo e elaborando narrativas sobre a experiência.

**Figura 2 – Prancha com Gráfico do exercício objeto de memória da autora 2**



#### Objeto de memória - O ferro de passar

Quando pequena, as luzes da cidade apagavam pontualmente às 21:00 horas. Dona Dalva, uma senhora que trabalhava na minha casa, só passava roupa depois desse horário. Acendia um candeeiro, arrumava seu pito e, no sossego, ficava trabalhando com um ferro de brasas. O apagar das luzes sinalizava a hora de dormir, para no outro dia bem cedo ir para a escola. Eu, no entanto, tinha outros planos. Levantava na ponta do pé e, sorrateiramente, ia para junto de Dona Dalva, que, cúmplice, já sabia o que eu estava querendo. Ela começava então a contar as mais belas histórias, de reinos encantados, de intrigas, de heróis com suas missões. Só ia dormir quando ela terminava sua tarefa, ou quando, não tão cúmplice, me expulsava mais cedo do seu reino. No outro dia, meus cadernos enchiam-se de desenhos, fadas, príncipes, princesas, lenda encantadas... Uma pena que as freiras não entendessem... Das fábulas escritas, copiava imagens e depois as recopiava e acrescentava alguns detalhes. Mas nada substituía minhas “fugas” para ficar a ouvir aquelas histórias contadas e repetidas por D. Dalva, que nunca tinha escutado falar dos irmãos Grimm. Nem precisava.... (Guimarães, 2005, p. 50-51).

**Fonte: A autora**

Fato é que os objetos podem desvelar conceitos e práticas compreendidos como cultura que revelam dinâmicas de inclusão e exclusão em um determinado tempo e lugar, campo de disputa simbólica que reflete a organização social e as relações de poder, pois como afirma Baudrillard

a posse jamais é a de um utensílio, pois este me devolve ao mundo, é sempre a de um objeto abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo. Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma abstração e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constituem-se, pois em sistema graças ao qual o indivíduo tenta reconstituir um mundo, uma totalidade privada (Baudrillard, 1997, p. 94).

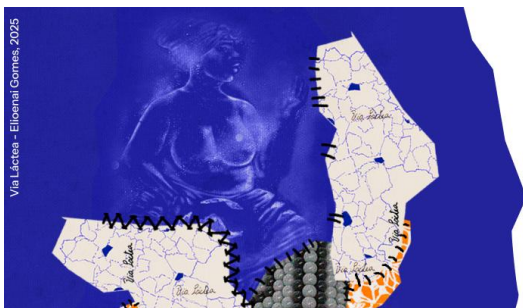
Assim, compreendemos que o exercício é um desenrolar constantes de fios e meadas de um novelo a partir de várias pontas, em que uma coisa puxa a outra, que por sua vez demanda mais informações para as quais precisamos pesquisar. Hoje com o universo digital a pesquisa é facilitada, pois podemos rastrear detalhes, consultar textos e produções teóricas a respeito de uma determinada situação, pesquisar origens e mudanças de formas e contextos de um determinado objeto e seus usos, correlacionar o contexto aos dados pessoais e ou/familiares e refletir sobre como todo esse desenrolar tem a ver com as nossas aprendizagens artísticas e culturais, como no caso relatado das histórias fantásticas que Dona Dalva contava, as quais alimentaram todo um imaginário para o universo das artes. Hoje, tenho a certeza de ter tido o privilégio de ter passado por uma formação nos moldes da tradição oral.

**Figura 3 – Prancha com exercícios escavatórios a partir de um ferro de passar roupas**



**Fonte:** A autora

A figura 3 tenta exemplificar alguns desdobramentos que foram realizados em torno da memória relacionada ao ferro de passar. Para além do aspecto relevante de estar junto com a senhora que utilizava o ferro de brasa, não podemos esquecer que esse objeto também traz as marcas da escravidão, dos serviços pesados das mulheres subalternas, geralmente negras, nas “casas de famílias” brancas.



Ferros de passar fazem parte do labor humano no cuidado de si e dos outros. Cuidado este diretamente ligado ao vestir. Na rígida estratificação social que caracteriza a sociedade ocidental até há pouco mais de cem anos, às damas e cavalheiros da elite seria impossível solicitar que costurassem, engomassem ou passassem suas roupas. Este território era domínio das criadas e escravas que se ocupavam de camisas e fartas saias, punhos e colarinhos, de lavar, passar e... vestir (Abreu, 2000, p. 34)

Podemos também entender essa dinâmica como processos de mediação nos quais aspectos antes não revelados vão emergindo com os diversos encontros que os exercícios proporcionam. Ou seja, os objetos de memória são deflagradores, são mediadores não só dessas relações na esfera pessoal, familiar, comunitária, como também na esfera da arte e da estética. Uma história de objetos jamais será só a do objeto, será também a das marcas que tem impressas nele, visíveis e /ou invisíveis, dos usos práticos e sociais.

### **3 SENTIDOS NOS FIOS DAS MEMÓRIAS EM OBJETOS DE AFETOS**

O exercício de pensar sobre a memória e os sentimentos a partir de objetos de afeto nos permitiu compreender que nossos percursos investigativos têm sido pontilhados pela percepção de um tempo humanizado, relativizado e espiralado no novelo dos saberes ancestrais. A memória capturada pela vitalidade de certos objetos parece configurar o tempo, desmontando linearidades e entrelaçando fios de diferentes espessuras e cores do passado, do presente e do futuro.

Nesses termos, as imagens que nos seduziram provocaram dilatações no tempo e conectaram vidas. Assim, percebemos o vigor dos objetos de memórias e guardados afetivos, quando tornaram possível a emergência de camadas de recordações, que ajudaram a compreender trajetórias e ressignificar experiências.

Embora precisemos aprofundar as reflexões iniciadas aqui, sustentamos que no âmbito do ensino de artes visuais a inclusão desse tipo de imagem possibilitará a valorização de saberes ancestrais e visualidades populares, cujo acolhimento permitirá olhares e sentires que impulsionem a compreensão de conhecimentos e sujeitos escondidos e invisibilizados por discursos oficiais colonizadores.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Adilson Avansi de (org.). *Quantos Anos Faz o Brasil?* São Paulo: Editora da USP, 2000. -(Uspiana Brasil 500 anos).

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: arte, artesanato, design. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. São Paulo: Cortez, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Ed. Alameda. 2020.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. – São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates: 70/dirigida por J. Guinsburg).

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FEDERICI, Silvia *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. 2. ed. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2023.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. *Entre a universidade e a diversidade: A linha vermelha do ensino da arte*. Tese de doutorado. ECA/USP. 2005. Orientadora: Ana Mae Barbosa.

RAINHO, Rita. A insurgência de uma plantação de algodoeiro hoje: dos tempos de magia escrava à resistência cultural pós-independência em Cabo Verde. In: COLARES, Edite e PAIVA, José Carlos de (Ed.). *Experiências em Educação Artística e Decolonialidade*. Porto, Fortaleza, 2021, i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

SOUSA, Beatriz de Jesus. Sobre Uma Poética do Tempo: Os gestos de guardar e os sentidos das memórias. In: SILVA, Rosana Gonçalves da e GUIMARÃES, Leda Maria de Barros (org). *Desenredos*; 18. Dossiê arte educação e ecologias [livro eletrônico]: tópicos especiais da linha C. 1 ed. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/696>. Acesso em: 02 abr. 2025.

SOUSA, Beatriz de Jesus; GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; SILVA, Miriany Maria da. A docência como bordado: artesanias no processo formativo de pesquisadoras. In: CONFAEB Maranhão: Territórios da Arte na Educação Contemporânea. *Anais...*São Luís(MA) UFMA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/confaeb2023/698662-A-DOCENCIA-COMO-BORDADO--ARTESANIAS-NO-PROCESSO-FORMATIVO-DE-PESQUISADORAS>. Acesso em: 21 set. 2025.